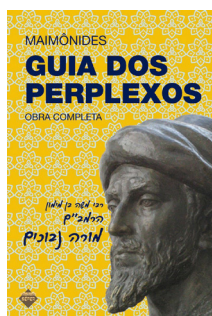




MOISÉS MAIMÔNIDES. *Guia dos perplexos* (obra completa). HORWITZ, Y. F. (trad.). São Paulo: Editora e Livraria Sêfer Ltda, 2018. 535 pp. ISBN 978-85-7931-070-6.

Book Review



Rodrigo Pinto de Brito¹

<http://orcid.org/0000-0002-8898-0669>

rodrigobrito@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v11i2.60892>



Étienne Gilson (1884–1978) — católico e tomista, por três vezes indicado ao prêmio Nobel de literatura (1959, 1964, 1969) e Imortal da Academia Francesa de Letras — no começo da década de 1930 proferiu as conferências que foram publicadas na França, em 1932, sob o título de *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*. Originalmente, a obra era composta por dois volumes e foi saudada como uma espécie de divisor de águas nos estudos medievalísticos na Europa e mesmo nos EUA, principalmente após sua segunda edição, em um único volume.

Em que pese a importância que a obra de Gilson teve no momento de sua publicação original, aqui no Brasil uma tradução, feita por Eduardo Brandão a partir da segunda edição francesa, só foi publicada em 2006 pela Martins Fontes. Ou seja, para nós ela chegou 74 anos atrasada, e com consequências graves, pois embora Gilson na década de 1930 talvez não tivesse tido como acompanhar os desenvolvimentos nos campos da metodologia e teoria da história que ocorriam concomitantemente à sua pesquisa em filosofia medieval, fato é que em 2006 as discussões

¹ Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor de Filosofia — Metafísica — da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

nestes campos estavam já bastante consolidadas. Assim, a nós, leitores, estudantes, professores e pesquisadores brasileiros, ao ingressarmos na leitura da reputada obra de Gilson, são dadas duas opções, imediatamente: ou 1) ignoramos (por inocência ou displicência) as aberturas possibilitadas pelo perspectivismo e pelo materialismo resultantes dos debates historiográficos do séc. XX e aceitamos passivamente colocações como “a única questão que se trata de examinar é saber se a noção de filosofia cristã tem sentido e se a filosofia medieval, considerada em seus representantes mais conceituados, não seria precisamente sua expressão histórica mais adequada” (GILSON, 2006, p. 2) — questão para a qual a resposta de Gilson é um sonoro “sim” de quase 600 páginas —; ou 2) abandonamos o livro, mas nem o perspectivismo nem o materialismo historiográfico.

A opção 2 acima é a mais tentadora, mas mesmo ela deve ser evitada, pois se for compreendida como obra escrita na década de 1930 por um católico tomista francês, *L'Esprit de la Philosophie Médiévale* ainda pode suscitar intuições e inquietações interessantes. Mas sobretudo, deve-se evitar o seu abandono imediato porque ela nos causa *inquietações teórico-metodológicas interessantes* e que podem ajudar a alavancar uma espécie de contra-história da chamada “filosofia medieval” e da recepção das filosofias chamadas “antigas, helenísticas e tardo-antigas”.

Neste sentido, a principal inquietação teórico-metodológica em nós causada origina-se em uma tentativa de classificar o fazer historiográfico de Gilson, que, por semelhança de família e por agenda, soa como o de Coulanges (1830-1889). Mas o autor de *La Cité Antique* (1864) é justamente aquele que foi acusado por Benjamin em 1940 de exemplificar a historiografia historicista burguesa:

Fustel de Coulanges recomenda ao historiador que pretenda reconstruir uma época que ignore tudo o que conhece do desenrolar histórico posterior. Não se poderia caracterizar melhor o método com o qual o materialismo histórico acabou de vez. Esse método é o da empatia. As suas origens encontram-se na indolência do coração, a acédia, incapaz de se apoderar da autêntica imagem histórica que subitamente se ilumina (...) A natureza dessa tristeza torna-se mais clara se procurarmos saber qual é, afinal, o objeto de empatia do historiador de orientação historicista. A resposta é, inegavelmente, só uma: o vencedor. Mas, em cada momento, os detentores do poder são os herdeiros de todos aqueles que antes foram vencedores. Daqui resulta que a empatia que tem por objeto o vencedor serve para aqueles que, em cada momento, detêm o poder (...) Aqueles que, até hoje, sempre saíram vitoriosos integram o cortejo triunfal que leva os senhores de hoje a passar por cima daqueles que hoje mordem o pó. (BENJAMIN, 2012, p. 12).

E se a historiografia de Gilson é parente da de Coulanges, disso se segue que podemos aplicar à escrita gilsoniana os mesmos atributos que Benjamin aplicou à escrita coulangeniana: indolente e negligente, por acomodar-se aos elos causais fáceis e tradicionais; empobrecedora, por não oferecer novas perspectivas iluminadoras; repetitiva e elitista, por sub-repticiamente advogar por uma narrativa dos vencedores. Mas se somos nós a morder o pó e se não somos masoquistas,

esse paradigma teórico-metodológico não nos serve, restando-nos escovar a história da filosofia medieval a contrapelo, abrindo mão dos monumentos/documentos de cultura da Europa Católica Ocidental, pois são também monumentos de sua barbárie.

Assim, que mudemos de perspectiva e nos atenhamos a outros percursos da fervilhante *translatio studiorum* transcorrida entre os sécs. V e XV e.c é o que nos propõe Libera (2004), e em crítica franca a Gilson (LIBERA, 2004, p. 10), revelando-nos *outras idades médias* (como pretende Borgongino, 2023).

Agora, ainda que estejamos cientes da necessidade de uma mudança de paradigma teórico-metodológico e ainda que tenhamos cautela na hora de constituir uma narrativa sobre a idade média, a partir de quais fontes primárias trabalharíamos, se faltam textos para pensarmos os percursos não-eurocêntricos (e até mesmo os eurocêntricos) da *translatio studiorum*?

É diante então dessa escassez de fontes traduzidas para o português, não obstante sua inapelável importância para se fazer uma contra-história da filosofia medieval, atrelada à urgência da tarefa, que devemos saudar a publicação da tradução completa, feita por Yosef Flavio Horwitz, do *Guia dos perplexos*, de Moisés Maimônides, publicada pela Editora e Livraria Sêfer em 2018.

Moisés Maimônides (o “segundo Moisés”) foi um filósofo judeu sefardita, talmudista, astrônomo e médico, nascido em Córdoba em 30 de março de 1135 (07 de Nisan de 4895) e falecido no Cairo em 13 de dezembro de 1204 (13 de Tevet de 4965). Sua importância para a teologia judaica é imensurável e dificilmente superada até os dias atuais², notadamente devido ao seu *Mishné Torá*³, um código legislativo rabínico escrito entre 1170 e 1180 quando Maimônides vivia no Egito. Quanto ao *Guia dos perplexos*, foi escrito entre 1185-1190 em árabe, mas usando alfabeto hebraico, intitulado originalmente *Dalālat al-ḥā'irīn*. No entanto, a obra já causava furor enquanto Maimônides vivia, embora fosse inacessível para judeus não leitores de árabe. Assim, em 1204 surge a versão hebraica da obra, traduzida por Samuel ben Judá ibn Tibbon (c. 1150- c. 1230), um filósofo, tradutor e médico judeu que viveu na região da Provença. Para compor sua difícil tradução, ibn Tibbon contou com a ajuda e esclarecimentos do próprio Maimônides, de quem se tornou correspondente. Como resultado, o *Guia*, em hebraico chamado *Moré Nebuchim*, alcançou judeus da Europa, sobretudo central, não versados em árabe⁴. É a partir da versão hebraica de ibn Tibbon, “autorizada” e “supervisionada” pelo próprio Maimônides que Yosef Flavio Horwitz compôs sua tradução, a primeira integral da obra, para o português brasileiro.

Mas além de seguir ibn Tibbon, Horwitz, que é professor de hebraico bíblico, hebraico

² Cf. DIAMOND, 2014.

³ Disponível em <https://www.sefaria.org/texts/Halakhah/Mishneh%20Torah>

⁴ Para a vida e obra de Maimônides, ver: RUDAUSKY, 2010; DAVIDSON, 2005. Para seu impacto e os temas com os quais lidou, ver: GREEN, 2013.

moderno e aramaico no *Israel Institute of Biblical Studies* (vinculado à Universidade Hebraica de Jerusalém), utiliza para cotejo as consagradas traduções francesa de Solomon Munk (1856)⁵ e a inglesa de Michael Friedlander (1903)⁶, provavelmente as duas melhores traduções modernas do *Guia*. No entanto, sua inserção de notas é bem econômica e visa, sobretudo, oferecer diferentes possíveis traduções para vocábulos, não comentar ou interpretar a obra, mas sem muito ônus para a leitura, já que quem deseja compreender melhor a obra pode recorrer às discussões especializadas.

Quanto ao conteúdo do *Guia* em si, há diferentes pontos de entrada para sua leitura⁷, por exemplo: os leitores podem percorrer a obra começando pelo começo, obviamente, mas não necessariamente, pois pode-se igualmente partir do tema dos “antropomorfismos” ou talvez da querela com os kalamitas⁸.

No caso de se optar por começar pelo começo⁹, os leitores partirão da carta de Maimônides endereçada ao seu discípulo, Rabi Iossef ibn Aknin, filho do Rabi Iehudá, seguindo às “observações introdutórias”, em que Maimônides sumariza o conteúdo da obra e a enquadra em uma querela anti-kalamita. Um detalhe importante para quem lê o livro do começo ao fim é a exortação maimonideana de que antes de passar à leitura do *Guia* se deve ter compreensão de lógica, de sua *Lógica*¹⁰, um tratado em que ele sistematiza o Órganon aristotélico a partir de sua recepção árabo-judaica, e por meio do qual se pode estar municiado do conhecimento sobre o sentido de termos como “homônimo”, “parônimo” e “sinônimo”; pois é o conhecimento destes termos que possibilita, por sua vez, dizer que sentido determinadas palavras têm ao se referirem a Deus na Torá. Assim, após cerca de trinta capítulos sobre desambiguação de vocabulário, Maimônides finalmente avança em direção a propor que, considerando os limites intrínsecos à inteligência humana, não é possível aos seres humanos vislumbrar aquilo que está para além de sua capacidade intelectual, e muito menos enunciar, de modo que deve-se interpretar a Torá, no que diz respeito à substância de Deus, alegoricamente. Portanto, aqui se deixam entrever influências de uma espécie de ceticismo acerca dos limites para o entendimento (tópico que será caro para Kant, por exemplo); de um ceticismo linguístico que evoca o *Tratado do não-ser*, de Górgias; e de uma leitura alegórica do texto sagrado

⁵ Disponível em [https://www.sefaria.org/Guide_for_the_Perplexed%2C_Introduction%2C_Letter_to_R_Joseph_son_of_Judah?ven=Guide_des_%C3%A9gar%C3%A9s_trans_by_Salomon_Munk_Paris_1856_\[fr\]&lang=bi](https://www.sefaria.org/Guide_for_the_Perplexed%2C_Introduction%2C_Letter_to_R_Joseph_son_of_Judah?ven=Guide_des_%C3%A9gar%C3%A9s_trans_by_Salomon_Munk_Paris_1856_[fr]&lang=bi)

⁶ Disponível em [https://www.sefaria.org/Guide_for_the_Perplexed%2C_Translator's_Introductions%2C_Introduction_of_M_Friedlander?ven=Guide_for_the_Perplexed,_English_Translation,_Friedlander_\(1903\)&lang=bi](https://www.sefaria.org/Guide_for_the_Perplexed%2C_Translator's_Introductions%2C_Introduction_of_M_Friedlander?ven=Guide_for_the_Perplexed,_English_Translation,_Friedlander_(1903)&lang=bi)

⁷ “A desordem do *Guia* não é uma desordem: é uma *ordem diferente*. Maimônides obriga seu leitor a aceitar e a praticar a *intertextualidade*. Toda palavra conta, para ele cada unidade discursiva deve ser interpretada em conexão com outra...”, LIBERA, 2004, p. 218.

⁸ Como faz GUTTMANN, 2017.

⁹ Para as interpretações do *Guia* que mencionamos aqui em diante e até o parágrafo que começa com “Não obstante o ponto de partida para a leitura, fato é que ela flui naturalmente em direção ao Livro 2” utilizamos principalmente: FRANK & SEGAL, 2021; PINES & YOVEL, 1986.

¹⁰ Disponível em https://www.sefaria.org/Treatise_on_Logic?tab=contents

que se remete às discussões da patrística grega, notadamente à Escola Catequética de Alexandria. Subjazendo a estas três influências está Filon de Alexandria como possível fonte primária, mas há divergências sobre o impacto da escrita filoniana sobre a filosofia judaica ulterior¹¹.

Caso desejem ingressar na obra pelo tema dos antropomorfismos, os leitores podem partir do capítulo 36 do Livro I, dirigindo-se aos demais capítulos que discutem e desambigam o vocabulário antropomórfico atribuído a Deus na Torá, culminando na ideia maimonideana, possivelmente inspirada pelas discussões suscitadas pela recepção dos diálogos *Sofista* e *Parmênides* de Platão, de que a substância “Deus” não pode ter atributos, e conseqüentemente o substantivo “Deus” não pode ter predicado com verbo de cópula. É que, diante do postulado monista radical da unidade divina aceito e defendido por Maimônides, ele pensa que afirmar que Deus possui atributos é o mesmo que dizer que Deus é ao menos dois, a substância e o acidente no plano ontológico, e no plano linguístico também, ao se afirmar algo de Deus em uma expressão ‘S é P’; mas aos humanos é difícil falar de outros modos, pois nossa própria linguagem é limitada, e assim, ao se dizer que “Deus é misericordioso”, por exemplo, lança-se o convite quase inevitável para se pensar Deus como dois, Ele próprio enquanto substância e outro, como portador de misericórdia. Daí que a solução encaminhada por Maimônides, de inspiração neo-platônica e possivelmente ecoando Dionísio pseudo-Areopagita e Proclo, é enunciar negativamente os atributos Divinos.

Quem desejar começar a leitura pela querela com os kalamitas, pode partir do capítulo 71 do Livro I, que define e explica as origens do kalam; seguindo aos capítulos 76, 75, 74, 73 e 72 do Livro I, respectivamente intitulados: “Incorporeidade segundo a doutrina dos kalamitas”, “A unidade de Deus segundo o kalam”, “A Criação segundo o kalam”, “As doze proposições do kalam” e “Descrição do Universo de modo geral e o ser humano”. Os ataques de Maimônides ao kalam têm diferentes nuances: por um lado, inspirado em Galeno (*As faculdades naturais*; cf. p. 196¹²), ele relaciona os kalamitas aos “sofistas (...) que negam os sentidos”, pois as proposições do kalam não teriam suporte empírico; por outro lado, alvejando a principal hipótese kalamita, a da criação *ex nihilo*, Maimônides afirma que, não obstante concorde com Aristóteles em muitos aspectos, não concorda com a eternidade do Universo, mas isso não significa dizer que ele pode provar que o Universo foi criado. É que, para Maimônides, se a mente humana não alcança um âmbito tão elevado e que diz respeito à natureza de Deus, então não se pode argumentar e propor uma prova demonstrativa da criação, e isto torna frágil a estruturação de todo um sistema metafísico e teológico a partir de uma noção avançada como hipótese *ad hoc*, como a da criação *ex nihilo*. Para evitar então cair em um modo cético de Agripa, como parecem cair os kalamitas, partindo de uma leitura que

¹¹ Ver: GUTTMANN, 2017, p. 41-53.

¹² Para a relação de Maimônides com as ciências, em geral, ver: COHEN & LEVINE, 2000. No caso específico de Galeno, ver: LANGERMANN, 2019, pp. 244-262

começa pela querela com o kalam, a proposta primeira de Maimônides é provar a existência de Deus, não importa se o universo é criado por Ele ou eternamente concomitante a Ele; em seguida, sua proposta é rejeitar o atomismo do kalam, originado possivelmente da recepção dos atomistas gregos, mas diferente deles em muitos aspectos.

Não obstante o ponto de partida para a leitura, fato é que ela flui naturalmente em direção ao Livro 2 — que trata sobretudo de angeologia, astronomia (a partir de um ponto de vista ptolomaico) e da disputa entre eternidade e criação do Universo — e ao Livro 3 — que trata sobretudo da mística judaica, com ênfase na visão de Ezequiel. Mas a fluidez da prosa maimonideana não significa que seus argumentos foram aceitos unanimemente, pelo contrário, os cem anos que se seguiram à publicação do Guia foram de intensos debates¹³; de fato, tamanho foi seu impacto que mesmo depois das primeiras gerações de leitores impactados, ele seguiu influente, presentificando-se e deixando marcas indeléveis por exemplo no neo-platonismo judaico Renascentista de Leão Hebreu¹⁴, no cabalismo filosófico de Abraham Cohen de Herrera¹⁵ e no pensamento de Spinoza¹⁶.

Assim, seja por nos proporcionar uma fonte primária pela qual se possa efetivamente lidar com a história da filosofia medieval por um ponto de vista teórico-metodológico alternativo, seja por nos lançar novas luzes sobre a recepção árabo-judaica de Platão, Aristóteles, sofistas, atomistas, céticos, neo-platônicos, Ptolomeu e Galeno, bem como por nos permitir vislumbrar o calor dos debates no seio da própria filosofia judaica que a publicação da primeira tradução integral para o português do *Guia dos perplexos*, de Maimônides, empreendida por Yosef Flavio Horowitz e publicada pela Editora e Livraria Sêfer, deve ser celebrada como um divisor de águas para os estudos da filosofia judaica no Brasil

Referências bibliográficas

- ABRAHAM COHEN DE HERRERA. *Puerta del Cielo*. BELTRÁN, M. (ed.). Madrid: Editorial Trotta, 2015.
- BENJAMIN, W. *O anjo da história*. BARRENTO, J. (trad.). Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- BORGONGINO, B. U. (org.). *Para além do ocidente cristão: outras idades médias?* Recife: Editora UFPE, 2023.
- COHEN, R. S.; LEVINE, H. *Maimonides and the Sciences*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2000.
- COULANGES, F. *A cidade antiga*. AGUIAR, F. (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DAVIDSON, H. A. *Moses Maimonides: the man and his works*. Oxford: OUP, 2005.
- DIAMOND, J. A. *Maimonides and the Shaping of the Jewish Canon*. Cambridge: CUP, 2014.

¹³ Ver GUTTMANN, 2017, pp. 213-271.

¹⁴ Ver VILA-CHÃ, 2001.

¹⁵ Ver ABRAHAM COHEN DE HERRERA, 2015.

¹⁶ Ver NADLER, 2011; compare com PARENS, 2012.

- FRANK, D.; SEGAL, A. (eds.). **Maimonides' Guide of the Perplexed**. A critical Guide. Cambridge: CUP, 2021.
- GILSON, Étienne. **O espírito da filosofia medieval**. BRANDÃO, E. (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GREEN, K. H. (ed.). **Leo Strauss on Maimonides**. The complete writings. Chicago: Chicago University Press, 2013.
- GUTTMANN, J. **A filosofia do judaísmo**. GUINSBURG, J. (trad.). São Paulo: Perspectiva, 2017.
- LANGERMANN, T. Maimonides and Galen. In: BOURAS-VALLIANATOS, P.; ZIPSTER, B. (eds.). **Brill's Companion to the Reception of Galen**. Leiden: Brill, 2019, pp. 244-262.
- LIBERA, A. **A filosofia medieval**. CAMPANÁRIO, N. N.; TEIXEIRA DA SILVA, Y. M. C. (trads.). São Paulo: Loyola, 2004.
- PARENS, J. **Maimonides and Spinoza, their conflicting views of human nature**. Chicago: University of Chicago Press, 2012.
- PINES, SHLOMO; YOVEL, YIRMIYAHU. (eds.). **Maimonides and Philosophy: papers presented at the sixth Jerusalem Philosophical Encounter, May 1985**. Jerusalem: The Hebrew University of Jerusalem, 1986.
- RUDAUSKY, T. M. **Maimonides**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.
- VILA-CHÁ, J. (org.). **LEAO HEBREU: Diálogos de amor**. MANUPPELLA, G. (trad.). Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda, 2001.

Páginas da internet

- [https://www.sefaria.org/Guide_for_the_Perplexed%2C_Translator's_Introductions%2C_Introduction_of_M_Friedlander?ven=Guide_for_the_Perplexed,_English_Translation,_Friedlander_\(1903\)&lang=bi](https://www.sefaria.org/Guide_for_the_Perplexed%2C_Translator's_Introductions%2C_Introduction_of_M_Friedlander?ven=Guide_for_the_Perplexed,_English_Translation,_Friedlander_(1903)&lang=bi) (consultado em 09/07/2023)
- [https://www.sefaria.org/Guide_for_the_Perplexed%2C_Introduction%2C_Letter_to_R_Joseph_son_of_Judah?ven=Guide_des_%C3%A9gar%C3%A9s,_trans._by_Salomon_Munk,_Paris,_1856_\[fr\]&lang=bi](https://www.sefaria.org/Guide_for_the_Perplexed%2C_Introduction%2C_Letter_to_R_Joseph_son_of_Judah?ven=Guide_des_%C3%A9gar%C3%A9s,_trans._by_Salomon_Munk,_Paris,_1856_[fr]&lang=bi) (consultado em 09/07/2023)
- <https://www.sefaria.org/texts/Halakhah/Mishneh%20Torah> (consultado em 09/07/2023)
- https://www.sefaria.org/Treatise_on_Logic?tab=contents (consultado em 09/07/2023)

